

Curso	DESIGN				Núcleo Temático	O HOMEM E O AMBIENTE			Etapa	4
Comp. Curricular		FUNDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DO DESIGN IV						Código	ENEX50516	
Componente Curricular (CC)		Carga horária (horas)	31,67		EIXO		Projetual	Não	X	
		Créditos			Universal			Sim		
		Teórica	Prática	Ateliê	Comum		Creditação da Extensão	Não		
Presencial		X			Específico	X		X		
Online	Síncrono				Optativo			Sim		
	Assíncrono				Prática como CC					
EaD					Outras Modalidades			Percentual	%	
Professores(as)					DRT					
MAURO CLARO					110966-8					
Ementa										
Indústria cultural: produção do consumo. Revolução da tecnologia da informação: produção flexível. Sociedade pós-industrial: o design como produtor de valores. Ambiente: a questão do Antropoceno e a incerteza da contemporaneidade. Produção sustentável.										
Objetivos Conceituais				Objetivos Procedimentais e Habilidades				Objetivos Atitudinais e Valores		
Discutir e analisar realidades projetuais tanto do ponto de vista do produtor como do usuário tendo em vista as condições contemporâneas de produção simbólica.				Utilizar metodologias, observar o real, testar novas práticas de pesquisa para desenvolvimento de projeto.				Considerar e avaliar o dispêndio de energia na produção de bens e serviços nas sociedades atuais.		
Conteúdo Programático										
INDÚSTRIA CULTURAL: PRODUÇÃO DO CONSUMO										
A noção de ‘indústria cultural’ explica a transformação da cultura em mercadoria. É uma teoria elaborada no contexto da teoria crítica da Escola de Frankfurt, nos anos 1940 após a Segunda Guerra, por dois de seus principais pesquisadores, Theodor Adorno e Max Horkheimer.										
Consegue explicar como, após a transição do capitalismo concorrencial da primeira fase para um capitalismo monopolista a partir dos anos 1920 (pós-Primeira Guerra), o sistema coloniza novos âmbitos da vida, nomeadamente a vivência cotidiana da cultura, transformando ações antes gratuitas e vitais em mercadoria (Marx), ou seja, em bens com valor de troca e, por essa via inaugurando uma nova mercadoria, a própria cultura.										
A expansão acentuada das forças produtivas durante a Segunda Guerra Mundial causa, ao seu final, um excesso disponível. Tal força excessiva precisa encontrar forma de ser utilizada e o faz pela manipulação do caráter cultural do consumo, criando hábitos dos quais deriva mercadorias novas.										
Trata-se, neste ponto, não mais de concorrer pelo consumidor, como no capitalismo liberal, mas de criar novos consumidores a partir de novas necessidades. A cultura é o ponto de apoio para a satisfação dessa nova realidade.										
A partir dos anos 1960 a crítica do que se via como consumo desnecessário e predador (ver ‘anti-design’) indica o problema no nosso campo. Na sequência, movimentos como Memphis, nos anos 1980, apontam o fracasso do movimento contracultural e lamentam (através da ironia) essa perda. O pastiche oferecido constitui a fixação, como mercadoria, do próprio chiste, da brincadeira, do jogo de emoções. Memphis é ainda uma mimetização desse problema.										
Simultaneamente, ainda na década de 1980, a confluência entre capital financeiro e meios de comunicação instantâneos ajuda a constituir um modo de produção chamado pós-industrial (Touraine, Mandel). A indústria cultural toma então sua forma atual, de serviços integrados e personalizados, e o campo dominante do design se transforma mais uma vez, agora para atender a tal cenário.										
As novas formas, os novos objetos, os novos serviços, as novas necessidades são instáveis, sujeitas à mudança permanente (Baudrillard) para permitir a expansão constante do consumo. A aparição de novos sistemas flexíveis nos ‘anos dourados’ (Hobsbawm) já aponta para a superação do modo mecânico e a constituição de um novo, pós-industrial (Touraine, Mandel, Gorz).										
A noção de ‘sociedade de consumidores’ (Arendt) indica a realização de um corte relativamente à possibilidade de participação na cultura a não ser de forma vazia pois aquilo que é vendido como cultura não se realiza como tal, mas apenas como consumo, ou seja, como necessidade vital e não com a realização individual.										
A constituição dessas novas relações sociais (Featherstone, Baudrillard, Debord, Foucault), nessa sociedade de consumidores (e não de criadores), exige que o design se adapte.										
REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO: PRODUÇÃO FLEXÍVEL										



O surgimento de um novo paradigma, constituído pela produção, circulação e valorização da informação enquanto mercadoria, indica que tal situação corresponde a novas relações sociais e caracteriza um novo modo de produção, pós-industrial.

SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL: O DESIGN COMO PRODUTOR DE VALORES

Questiona-se aqui o conceito de projeto, substituído pelo que autores (Argan) chamam de programação que, por sua vez, se apoia fortemente no componente cultural (Jameson). O valor simbólico dos bens e dos serviços determina seu valor de troca. Percebe-se o surgimento de um ambiente completamente artificial e simbólico que produz, reproduz e legitima os signos do poder.

AMBIENTE: A QUESTÃO DO ANTROPOCENO E A INCERTEZA DA CONTEMPORANEIDADE

Manter os recursos materiais 'necessários para as próximas gerações' tornou-se uma questão na medida em que as forças produtivas, que alteram a natureza, ganham escala, conforme indicado nos pontos anteriores, e ameaçam sua reposição – questão que trataremos neste ponto.

A crise climática consiste no cenário de desequilíbrio iminente de Gaia (Lovelock). É acompanhada da crise financeira (2008), sanitária (2020) e social.

Estabelecidos os fatores dos processos industriais (extração e tratamento de recursos naturais, trabalho sistematizado, conhecimento científico aplicado e capital concentrado) passamos à questão ambiental, que aparece como problema em meados do século XX quando a quantidade de forças produtivas mostra o desequilíbrio entre a ação humana e a manutenção da natureza.

A teoria de Gaia indica, em meados da década de 1960 (Lovelock, Maturana, Capra), a necessidade de outros paradigmas no tratamento do tema. O conceito de antropoceno (Latour), que sucede o holoceno (inicia após o fim da última glaciação, há 12.000 anos) e é a idade geológica na qual vivemos atualmente, deve então ser estudado.

PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Os processos fabris (manufatura fabril, taylorismo, fordismo) que constituem o modo de produção capitalista industrial clássico (inicial) são sucedidos por modos flexíveis (toyotismo) a partir dos anos 1950 no Japão e depois mundialmente. Para alguns autores (Castells, Argan, Flusser, Schaff) trata-se de um novo paradigma, e há elementos para sustentar essa formulação. Porém é possível questionar se as noções de Gaia e de Antropoceno não tensionariam esse entendimento, que ainda se limita ao campo da produção (simbólica e material), e não exigiriam, ao contrário, a consideração da Natureza em sua subjetividade.

Metodologia

O curso se organiza em torno de leituras que funcionam como pontos de partida para a discussão dos temas indicados na ementa e no conteúdo programático.

O curso também contempla a leitura de projetos e a elaboração de textos teóricos sobre projetos analisados.

O aluno deve manter um caderno de anotações para registro do conteúdo das aulas pois ele será o ponto de apoio para um E-Portfolio que deverá ser alimentado continuamente.

Ao longo do semestre os alunos elaboram textos e realizam pesquisa em bases de dados e, ao final, apresentam uma visão teórica do projeto desenvolvido no componente Projeto 4.

Avaliação

NI-1 / PESO 5

NOTA A / PESO 6 / ESCRITA REFLEXIVA

Roteiro para elaboração:

- Sobre o autor / Biografia, campo de estudo, obras importantes
- Sobre o texto / Por que foi escolhido, do que trata

Formato:

- Não incluir capa / Iniciar na página 1
- Incluir título do trabalho
- Identificar com nome completo, matrícula, data, nome do curso e da Universidade
- Duas páginas sem contar imagens e lista de fontes consultadas

Critérios de avaliação:

- Identificação (nome completo do aluno, local, data, instituição, curso)
- Título adequado ao conteúdo
- Notação bibliográfica correta / Ver Manual Mackenzie de Trabalhos Acadêmicos
- Citações e paráfrases corretamente indicadas
- Revisão ortográfica, gramatical e sintática
- Lista de fontes consultadas ao final do texto



- Qualidade e pertinência da reflexão
- Observação do formato solicitado

NOTA B / PESO 4 / E-PORTFOLIO INDIVIDUAL

Roteiro para elaboração:

- Anotação das aulas
- Referências visuais
- Textos de interesse
- Temas ligados ao ambiente e ao design

Formato:

- Facebook, Instagram, Tik-Tok, Miro ou uma combinação desses com outros formatos

Critérios de avaliação:

- Identificação (nome completo do aluno, local, data, instituição, curso)
- Qualidade do conteúdo postado
- Criatividade na disposição do conteúdo
- Escrita revisada, sem erros ou enganos de digitação

NI-2 / PESO 5

NOTA F / PESO 1 / PREPARAÇÃO DO MATERIAL DE PROJETO 4

NOTA G / PESO 9 / ESCRITA REFLEXIVA PARA APRESENTAÇÃO FINAL DO PROJETO 4

Conteúdo:

- Texto reflexivo de apresentação do Projeto 4
- Imagens explicativas do Projeto 4
- Utilização de bibliografia extraída do curso

Formato:

- Power-point para apresentação para a classe, de 12 a 20 slides
- Texto em PDF

Critérios de avaliação:

- Identificação (nome completo do aluno, local, data, instituição, curso)
- Título adequado ao conteúdo
- Notação bibliográfica correta / Ver Manual Mackenzie de Trabalhos Acadêmicos
- Citações e paráfrases corretamente indicadas
- Revisão ortográfica, gramatical e sintática
- Lista de fontes consultadas ao final do texto
- Qualidade e pertinência da reflexão
- Observação do formato solicitado

PROVA SUBSTITUTIVA / Individual, escrita, sobre toda a matéria do semestre

PROVA FINAL / Individual, escrita, sobre toda a matéria do semestre

Bibliografia básica

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade – seleção de textos: Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 119 p.
LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 160 p.
SLATER, Don. Cultura do consumo & modernidade. São Paulo: Nobel, 2007. 216 p.

Bibliografia Complementar

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2009. 272 p.



CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura (volume 1). 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. 630 p. COZMAN, Fábio G., (org.), PLONSKI, Guilherme Ary (org.), NERI, Hugo (org.). Inteligência artificial: avanços e tendências. São Paulo: Universidade de São Paulo/ IEA, 2021. 414 p.

Bibliografia Adicional

ACOSTA, Alberto. O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Ellefante, 2016. 262 p.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. (352 p.) p. 138-48. A sociedade de consumidores.

BAUDRILLARD, Jean. Para uma crítica da economia política do signo. Rio de Janeiro/Lisboa: Elfos/Edições 70, 1995. (223 p.) p. 191-212. “Design” e ambiente ou a escalada da economia política.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2001. (256 p.) p. 90-7. Gaia – a Terra viva. / p. 97-8. Uma síntese prévia. / Disponível Moodle: https://drive.google.com/open?id=1QPhj_L_-0BclnxJKs2RoRmLxik86tre

COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. Trans/Form/Ação, Marília, vol. 36, n. 2, p. 135-54, agosto 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732013000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (238 p.) p. 9-12. Advertência da edição francesa de 1992. / p. 13-25. A separação consumada. [teses 1-34] / p. 27-35. A mercadoria como espetáculo. [teses 35-53]

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 2007. (223 p.) p. 32-4. A produção do consumo.

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas – elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. 150 p.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2007 [copy 1975]. 262 p.

GORZ, André. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005. (106 p.) p. 38-52. Transformações do conhecimento em capital imaterial - do milagre à miragem. Disponível em: https://moodle.mackenzie.br/moodle/pluginfile.php/13900/course/section/213934/GORZ%20C%20ANDR%C3%89_O%20IMATERIAL_P.38-52_OK.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

HARVEY, David. O enigma do capital e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011. (235 p.) p. 151-6. A destruição criativa da Terra. [excerto]

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas, SILVA, Everton Rodrigues da. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. [resenha da obra: LATOUR, B. Onde aterrar? (...) Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.]. Cadernos EBAPE.BR, v. 19, n. 2, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2021. p. 391-4. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200238>. Acesso em: 8 fev. 2022.

HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade – seleção de textos: Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (119 p.) p. 7-74.

HUND, Emily. A indústria de influenciadores: entrevista com Emily Hund. Portal DigiLabour Laboratório de Pesquisa. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2022/10/19/a-industria-de-influenciadores-entrevista-com-emily-hund/>. Acesso em: 20 out. 2022.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997. 431 p.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Amazônia Real [portal]. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/ailton-krenak-e-as-ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo>. Acesso em: 1 fev. 2023.

KURZ, Robert. A filosofia míope do capitalismo-cassino. Folha de São Paulo, caderno Mais, p. 5-6, 27 out. 1996.

LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. __p.

LOVELOCK, James. A vingança de gaia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. 159 p.

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. De Marx a Illich: economia, ecologia e tecnologia na obra de André Gorz da década de 1970. Análise Social, Lisboa, n.219, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt>. Acesso em: 11 mar. 2020.

MANDEL, Ernest. Os economistas – o capitalismo tardio. [apresentação de Paulo Singer]. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 416 p.

MATURANA-ROMESÍN, Humberto, MPODOZIS, Jorge. The origin of species by means of natural drift. Revista Chilena de História Natural, versión impresa ISSN 0716-078X, v. 73, n. 2, Santiago, jun. 2000. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-078X2000000200005>. Disponível em: 14 ago. 2022.

ONU – Organização das Nações Unidas. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. [portal internet]. Disponível em: <https://Brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 jan. 2021.



PAPANEK, Victor. Design for the real world – human ecology and social change. Chicago: Academy, 2000. (394 p.) p. IX-XIV. Preface to the first edition. / p. XV-XXI. Preface to the second edition. / p. 3-27. What is design? – a definition of the function complex.

PIZZIO, Alex. O mundo do trabalho e o mundo dos bens: aspectos da justiça social. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, vol. XIII, n. 3-4, p. 521-54, set-dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200004. Acesso em 28 ago. 2019.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Plataforma Agenda 2030. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br>. Acesso em: 5 fev. 2021.

PREVITALI, Fabiane Santana, FAGIANI, Cílon César. Organização e controle do trabalho no capitalismo contemporâneo: a relevância de Braverman. Cadernos EBAPE.BR, v. 12, n. 4, Artigo 1, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, out./dez. 2014. p. 756-69. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/rvxsFGk9psvf5hz6tPSXSFs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

SCHAFF, Adam. A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial. 3ª ed. São Paulo: UNESP/Brasiliense, 1992. 157 p.

SLATER, Don. Cultura do consumo & modernidade. São Paulo: Nobel, 2002. (216 p.) p. 130-45. Os significados das coisas.

TOURAINE, Alain. A sociedade post-industrial. Lisboa: Moraes, 1970. 251 p.

Coordenador do Curso	Nara Sílvia Marcondes Martins	Diretor da Unidade	Angélica Tanus Benatti Alvim
Coordenador Adjunto			